

1

SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES

ARQUIVO TEATRAL

Data ____/____/____

C. R I C C O

Revista em 2 actos e 16 quadros

Original de Lino Ferreira, Xavier de Magalhães, Silva
Tavares e Lopo Lauer

Musica de Ramon Torralba e Vasco de Macedo

Doação
Victor Paro
dos Santos

Museu Nacional do Teatro
BIBLIOTECA

P R O L O G O

(A cena representa uma paragem dos electricos na Avenida Fontes Pereira de Melo. Em cena Alvaro Pereira e Mariadas Neves, esperam o carro).

- MARIA - O Alvaro, vê lá que horas são.
- ALVARO - 2 menos 5.
- MARIA - É o carro sem vir.
- ALVARO - É sempre assim. Em a gente tendo pressa é quando eles não o chegam.
- MARIA - É eu então que nas noites de premiére gosto de me arranjar com tempo.
- ALVARO - Vocês estão bem que não se precisam de pintar...
- MARIA - Porquê?
- ALVARO - Porque já andam pintadas cá fóra.
- MARIA - Que graça!
- ALVARO - O Maria das Neves, tu entras no 1º quadro?
- MARIA - Então não sabes que entro contigo?
- ALVARO - Ah é verdade, no dueto dos Suspiros. Eu nestas noites nem sei onde tenho a cabeça.
- MARIA - O que te parece a peça?
- ALVARO - Eles é que hão-de dizer.
- MARIA - Eu cá estou por aquele dito do Fernandes contratador: as premiéres deviam ser na 3ª representação.
- ALVARO - Está tudo dependente de tanta coisa...
- MARIA - Um pano que não sobe a tempo...
- ALVARO - Uma corista que cai no meio do bailado...
- MARIA - Um escuro feito só claras... É tudo uma questão de sorte!
- ALVARO - Depende também muito da disposição do publico.
- MARIA - Eu quando olho para a plateia até tremo.
- ALVARO - Mas quando eles começam a rir, que alegria.
- MARIA - Os autores, atraz do pano do F., até dão pulos de contentes.
- ALVARO - E o Emprezaio começa logo a pensar em comprar um automovel.
- MARIA - Eu hoje estou com medo é do Pessoa da Companhia das Aguas.
- ALVARO - Já está muito mudado...
- MARIA - Pois sim, mas pediu um fauteuil da frente e mandaram-no para o fundo.
- ALVARO - Então vai para o sitio para onde mandou muita peça.
- MARIA - Lembra-te da troupe do Teixeira Marques?
- ALVARO - Isso era medonha! Quando ele comprava um fauteuil para uma premiére, até os porteiros pediam a demissão.
- MARIA - Sabes quem vai fazer a critica para o Diario de Noticias?
- ALVARO - Naturalmente é o Ferro.
- MARIA - Está bem, mas se fosse o Brito Aranha estava mais garantida.
- ALVARO - Porquê?
- MARIA - Porque me faz a côrte.
- ALVARO - Sempre estás com uma vaidade!
- MARIA - Olha, lá vem o carro, lá vem o carro!
- ALVARO - Então vamos até á revista.
- MARIA - E seja o que Deus quizer!

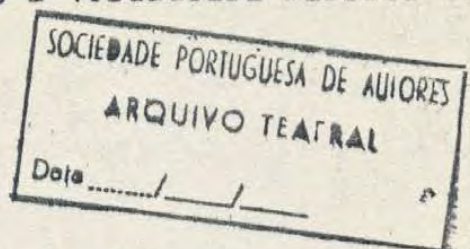
SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES
ARQUIVO TEATRAL

M U T A Ç Ã O

Data/...../.....

na de fantasia sobre doces e outras guloseimas, havendo um varandim ao que deita sobre a Exposição da Ramboia Nacional. Em cena, as seguintes ededeiras: do queijo saloio, do camarão, do burrié, do tremço, das castanhas cozidas e do capilé).

- DAS - Venham cá...venham cá todos...Esta é a verdadeira barraca de tudo quanto ha de bom em Portugal.
- QUEIJO - Olha o queijinho saloio...
- STANHAS - Quentinhas d'erva doce...
- PILE - Capilé ou copo com agua...
- DAS - Venham cá...venham cá todos...
- BURRIÉ - Eh burrié cosido...
- CAMARÃO - Camarão...
- TREMOÇO - Olhao tremço saloio...
- DOS - Aqui tudo é bom! Venham cá...venham cá todos...
- LOSEIMA - (Que tem entrado). Assim é que é. É preciso fazer a propaganda dos produtos nacionais.
- PILE - É tempo perdido. Hoje com a concorrência das granadines e das laranjadas americanas, o saboroso capilé d'avença passou á historia.
- LOSEIMA - Que tristeza ver posto de parte tudo que é nosso. O pavilhão das touradas á portuguezas está ás môscas, o do jogo do pau já fechou e o da quermesse já lá não vai nem com rifas a vin-lém.
- PILE - Isso das quermesses foram substituidas pelos bailes das artes nos clubs caros.
- STANHAS - Oh srs. pois se até a castanha nacional tem poucos cultores! E alguma que se come na rua vai pagar-se aos Pequenos Delitos
- LOSEIMA - Até eu que sou a guloseimalisboêta fui destronada do meu taboleiro. Os caramelos ingleses, os chocolates suissos e os chiclets americanos, vieram substituir os rebuçados de musgo, as pastilhas de hortelã pimenta e o jorselim de limão.
- TREMOÇO - Mas é preciso não desanimar.
- PILE - Vamos lá tentar mais uma vez.
- QUEIJO - O queijo saloio...
- BURRIÉ - Eh burrié cosido...
- CAMARÃO - Camarão...
- DAS - Venham cá...venham cá todos...
- LOSEIMA - E nada! (Ouve-se musica ao longe). Mas, se não me engano, é a ramboiada nacional que se encaminha para aqui. Vá, rapurigas, não os deixem fugir. (Indo ao F;). A Praça da Figueira, a marcha aux flambeaux, o sólido...Estou com a minha gente! (Para fóra). Ó Zé, então tu passas pela minha e nem ao menos pões a mão na fechadura?
- BOA - (Sobe a escada e entra). Quem é que te disse uma coisa dessas? E venha de lá umamedida de burrié para fazer boca a 2 tintos ali no Pavilhão do Carvoeiro.
- LOSEIMA - Vejo que ainda és o portuguesinho valente das grandes parodias e que não trocas o meu taboleiro pelas patisseries modernas.
- BOA - Com as patisseries não quero nada. Embirro com uns especímenes que lá vão comer brâóches e petits bouchés á lá crème.
- LOSEIMA - É moda.
- BOA - Sarà, mas eles que continuem a chupar o sucre d'orge e o pistache, que eu não deixo por coisa nenhuma a pevide nacional.
- LOSEIMA - Foi-se tudo o aue era característico.
- BOA - É verdade. Foi um ar que deu nos jasuitas, acabaram com as queijadas e só o pirolito é que se vê, de vez em quando, na mão dos petizes.
- LOSEIMA - E tudo por causa das gulodices estrangeiras, que está provado es



escangalham o organismo.

A - Diz muito bem. Por comer um bombom francês andei eu com os-
gãos escangalhados mais de um ano.

JOSEIMA - É tudo feito com drogas...

A - Foi assim uma espécie de conflagração europeia nas tripas. O
que vale é que houve a conferencia dapaz do citrato de magne-
sia, que mandou evacuar as tropas beligerantes.

JOSEIMA - A culpa é de vocês que querem substituir o bolo-rei por pão
integral e as papas de milho pelas papas de linhaça.

A - Não me fale em milho que me lembram as brôas e não me fale em
brôas que já me está a crescer agua na boca.

JOSEIMA - Pois é só escolher entre a popular brôa de milho e a delicio-
sa brôa de espécie.

M U S I C A

MILHO - Sou a brôa que em Lisboa
Mais agrada ao Zé Povinho
Pois é cá com esta brôa
Que ele gastao dinheirinho

ESPECIE - Sou de espécie diferente
E não entro em qualquer bucho
Pois ninguém me ferra o dente
Sem pagar também o luxo

REFRAIN
Brôa!
Isso é que é prôa!

ESPECIE - Cada qual tem sua sina
E eu cá nasci p'ra ser fina

MILHO - Fina ou grossa
É sorte nossa
Regalar-moso bandulho
Ao freguês
Que não perde nem migalha

DUAS - E ambas vamosno embrulho
Cada vez
Cada vez que a coisa calha (Bis)

MILHO - Os gulosos alfacinhas
Põem-me a cabeça á roda
Começam p'las dentadinhas
E depois trincam-me toda

ESPECIE - Sou tenrinha o bem contentes
Chamam-meos velhos um figo
Pois não precisam dedentes
P'ra poder entrar comigo

REFRAIN

BRÔA - Palavra de honra que papava as duas e nem me escapava a gran-
geia.

JOSEIMA - Não sejas sôfrego. Tens mais olhos que barriga.

BRÔA - Que quer yocelencia? É que a mim faz-me espécie aquele melsi-
nho da broade milho e o meu sonho era ter muito milho para
não me faltarem as brôas de espécie.

JOSEIMA - Coisas antigas, que são as melhores.

- BRÔA - Isso tanto se dá com os bolos como com as mulheres. Quanto mais cavacas, melhor sabem e quanto mais sabem, melhor.
- ULOSETMA - As das Caldas são sempre fresquinhas.
- BRÔA - Mas isso também quando são frescas é um perigo. Começa um homem a entrar por elas e depois o remédio é das Caldas.

M U S I C A

- CAVACA - Ha muita gente supondo ter graça que ataca a pobre da mulher já meio avelhentada e por maldade e pirraça lhe chama cavaca talvez por entender que a deixa encavacada

Mas afinal a verdade concreta e corrente é que basta a cavaca ser vista por alguém para logo toda a gente por forma indecente lhe ferrar o dente feliz e contente do belo sabor que tem

REFRAIN

Ha sim
certas mulheres, quanto a mim
que não
vão lá com dentes nem com facas
porem
tambem
algumas são
das tais que a gente diz boas que nem
cavacas ø.

- ORO - Ha sim
muita mulher que é tão ruim
que não
vai lá nem com dentes nem com facas
De ø. a ø.

- CAVACA - Inda não houve quem fosse às Caldas da Rainha sem procurar comer o que outra gente apouca e com razão pois não ha coisa assim tão tenrinha tanto d'apetecer que se desfaz naboca

É é tão verdade o que eu digo fugindo aos lou-
vares
que por forma engenhosa poderia inventar
que até mesmo entreos senhores
sei que ha impostores
que fingem rigôres
sentindo os maiores
desejos de nosprovar

REFRAIN

- OA - Se voce lencia me dá licença, eu apresento-me: José Brôa, um seu criado.
- ULOSETMA - O nosso Zé Povinho!

- VACA - Zé Povinho? Mas os que se fazem lá nas Caldas não teem este feitio!
- JOSEIMA - Esses são os do Bordalo.
- VACA - Pois então, adeus Zé Broa!
- A - Adeus! E, ora veja lá, se eu fosse o Zé Povinho das Caldas não lhe podia dizer adeus. (Cavacas saem). Sim sr., muito boas.
- JOSEIMA - Uma especialidade da fabrica do Constantino de Carvalho. Não sei se conheces...
- A - Ora! Quem é que não conhece o Carvalho das Caldas?
- ROFIA - (Entra apregoando). Cá estão bolinhos ou pasteis... (2 garotos colocam-se em frente do taboleiro). E é isto! Não ha maneira de abrir uma pastelaria eu não venham logo 2 janotas espetar-se á porta. Vá, vá, toca a andar, que isto aqui não é a Marques.
- ROTC - A rua é livre...
- ROFIA - Ah é? (Põe no taboleiro o letreiro: Reservado o direito de admisão). E agora, eu vocês evacuem já daqui para fóra, eu meto-lhes um jaguite pela boca abaixo, que se hão-de ver gregos para o deitar fóra.
- A - Já sucedeu o mesmo ao sr. Marquez de Pombal quando quiz evacuar os jaguitas.
- JOSEIMA - Quem a ouvir falar...
- ROFIA - E sou assim... Eles lá na Travessa do Pasteleiro até me chamam a Farofia!
- JOA - (Vendo os boles). Mas que grande sortido.
- ROFIA - Trago aqui de tudo. Cavalinhos de pão doce...
- JOA - (Apalpando-os). Os cavalinhos é que são duros.
- ROFIA - ...pão de lé especial...
- JOSEIMA - Éna, que amarelo que ele está.
- ROFIA - É fraqueza. Ele nunca viu ovos, não ha-de estar amarelo!
- JOA - Mas então é falsificado.
- ROFIA - Ele é pão! É mesmo essa a especialidade do meu marido. Olhe estes bolinhos de arroz. Quem ha-de dizer que isto é arroz tingido?
- JOA - E são fabricados pelo seu marido? Mas quem costuma fazer essa indominice são as mulheres...
- ROFIA - Pois sim, mas o meu homem é pau para toda a obra.
- JOA - Os meus cumprimentos.
- ROFIA - O sr. deve conhecê-lo: é aquele espanhel que faz o torrão de Alicante.
- JOSEIMA - O Incha Tia Maria...
- JOA - Ah bem sei...
- ROFIA - Isso do Incha Tia Maria foi uma calunia que lhe levantaram. Que eu tambem tenho as minhas especialidades! A fruta coberta é toda feita por mim. O meu marido sempre foi um mau cobertor. Mas, veja lá, papas ninguém as faz como eu.
- JOA - Ah compreendo, é um cobertor de papas.
- JOSEIMA - Olha as queijadinhas de coco...
- ROFIA - Isso tambem é feito por mim. Bate-se muito a calda até ficar em ponte de repuçado e quando o queijo começa a crescer é que se lhe dá do coco.
- JOA - Não deve ser mau. Mas cá por mim do que eu gosto muito são de sonhos.
- ROFIA - Tambem eu. Ultimamente é que tenho tido uns sonhos muito exquisitos.
- JOA - Oh diabo, isso é uma massada!
- ROFIA - E tudo por causa do meu Incha. Os srs. compreendem... para o crême ligar bem é preciso fazer-se um certo melaço e ele coitado está muito cansado. Já para aquecer o forno sabe Deus o que ele suá!
- JOA - Pois eu pelo-mepor todas estas lambarices.
- JOSEIMA - Os fartes de crême...